

## Quadras de um poeta morto



ANTÔNIO NOBRE

Nasceu na cidade do Porto e faleceu na Foz do Douro aos 33 anos de idade, em 18 de Março de 1900. Distinguiu-se pela suavidade e melancolia do seu estro. Deixou um livro inconfundível e, ainda hoje, muito estimado — *Só — e Despedidas*, edição de 1902.

Coração, não vos canseis  
De bater... que importa lá?  
Porque os amores fiéis,  
Nem a morte os vencerá.

O' figuras de velinhos  
Que andais dormitando ao léu!  
Como são belos os linhos  
Que vos esperam no Céu!

Dizem que os mortos não voltam...  
Voltam sim. E porque não?  
Os corpos daí nos soltam,  
Como às aves o alcapão.

Nem gritos e nem cantigas  
Entre vós que à noite andais;  
As almas das raparigas  
Inda sonham nos choupais.

Nas grandes mansões da morte  
Inda há romance e noivados,  
Venturas da boa sorte,  
Corações despedaçados.

Quem riu ontem, quem ri hoje,  
Nem sempre poderá rir...  
Um dia o riso lhe foge,  
Sem que o veja escapulir.

Riquezas, que valem elas  
Se estão na sombra ou sem luz?  
Tesouro são as estrelas  
Da bondade de Jesus.

Pode-se amar o veludo  
De uns olhos e os brilhos seus,  
Porém, acima de tudo  
Devemos amar a Deus.

Vós que amais a luz da Lua,  
De vossa alma abri as portas  
Para os fantasmas da rua,  
Que choram nas horas mortas.

Pensei que a morte era o fim  
Das ânsias do coração;  
Contudo, não é assim...  
Nem pó e nem solidão.

As vezes acham-se fojos  
Onde há música e festins,  
E há muitos cardos e tojos  
Entre as flores dos jardins.

Se eu pudesse, estenderia  
Minhas capas de luar,  
Sobre os filhos da agonia  
Que andam no mundo a penar.

A morte só pode ser  
A vida risonha e pura,  
Para quem a padecer  
Vive aí na sepultura.

Mal vais, se vais caminhando  
Na ambição de ouro e glória;  
Nesse mundo miserando  
Toda ventura é ilusória.

Chorai! chorai òrfãozinhos,  
Vossas dores amargosas:  
Achareis noutros caminhos  
As vossas mães extremosas.

Deixa cantar, ó menina,  
Teu coração sonhador...  
No sepulcro não termina  
O novelário do amor.

Um anjo cheio de encanto  
Vive sempre com quem chora,  
Guardando as gotas de pranto  
Numa urna cor da aurora.

No Universo há céus profundos,  
Cheios de vida e esplendor,  
Um céu é um ninho de mundos,  
Um mundo é um ninho de amor.

A caridade é a beleza  
De um divino plenilúnio,  
Luz que se estende à pobreza,  
Na escuridão do infortúnio.

Aos mendigos desprezados  
Não ridicularizeis,  
São senhores despojados  
Dos seus tesouros de reis.

Aqui, a alma inda espera  
O alguém que na Terra amou,  
O raio de primavera  
Que aí jamais encontrou.

Há quem faça aí mil contas,  
Que os interesses resuma,  
Mas morrem cabeças tontas,  
Sem fazer conta nenhuma.

Tecei sonhos, fiandeiras,  
Oh! almas enamoradas,  
Vivei aí nas clareiras  
De luzes alcandoradas.

Ah! que sinto aqui saudades  
Das noites de S. João,  
Sonho, estrelas, claridades,  
Cantigas do coração.



Na minha vida de agora  
Não canto as festas louças,  
Naquelas toadas de outrora  
As moçoilas coimbrãs.

Acompanha-me a tristeza  
Das saudades, por meu mal;  
Minha terra portuguesa!...  
Meu querido Portugal!...



## Do Além

ANTÔNIO NOBRE

Pudesse o nosso olhar, vagueando os ermos,  
Ver através da própria soledade  
A expressão luminosa da Verdade,  
E da luz da Verdade não descrermos...

Preocupar-se aí, porém, quem há-de  
Com o problema de sermos ou não sermos,  
Pois que o ardente desejo de o sabermos  
E' sempre o anelo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos  
Sem que a nossa miséria se desfaça  
No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,  
Até que a dor unindo-se à desgraça  
Descerre os véus que encobrem outra vida.

## Soneto

ANTÔNIO NOBRE

«Quando cobrir-sé o chão de folhas mortas  
— Meu coração dizia em grave entono —  
Extinguindo-se a vida que comportas,  
Dormirás no meu seio o último sono...»

E murmurava a alma — «Findo o Outono,  
A Primavera vem por outras portas;  
Não existe no túmulo o abandono,  
Ou a dor amarga e rude em que te cortas.»

Escutava essas vozes comovido,  
Morto de angústia, morto de incerteza,  
Aguardando o sol-posto, entristecido;

E além da amarga vida de segundos,  
Ressurgi da tortura e da tristeza,  
Sob os ares sadios de outros mundos!

## Ao mundo

ANTÔNIO NOBRE

A Terra é o vasto abismo onde a alma chora,  
O vale de amarguras do Salmista,  
Lodoso chavascal onde se avista  
A podridão dos vermes que apavora.

Mas, para os grandes bens, para que exista  
A perfeição da luz deslumbradora,  
Precisamos da carne que aprimora  
Com o camartelo mágico do artista.

Terra, tranquilamente eu te abençoo...  
Porque da tua dor alcei meu voo  
Para a mansão das luzes opulentas;

Teu rigor nos redime e nos eleva;  
Mas és ainda o cárcere da treva,  
Triste mundo de chagas pustulentas!

## À Mocidade

ANTÔNIO NOBRE

Cantai! cantai, ó mocidade! Moira  
Encantada que ri nos prados verdes,  
Cantai o amor que é luz que se entesoira,  
Vibrai na luz da vida em que viverdes.

Glorificai, ditosa, o sol que doira  
O riso que espalhais sem compreenderdes,  
Expandi-vos na primavera loira,  
Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,  
Alvorada em Abril, do sol-nascente,  
Clareando o porvir almo e risonho;

Marchai sorrindo, doce juventude,  
Na exaltação do amor e da saúde,  
Ébria de aroma e luz, ébria de sonho!...